

CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A. *Antiguidade Tardia e o fim do Império Romano no Ocidente*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

Gabriel Freitas Reis¹

Desde o Renascimento, há uma tendência na historiografia, já muito contestada contemporaneamente, de se ver os séculos finais do período de dominação de Roma sobre o Mar Mediterrâneo como uma época de *declínio*. Tal ideia, conforme nos informa Gustavo Sartin (2009, p. 16), foi elaborado pelo humanista veneziano Flávio Biondo (1392-1463), na obra *Historiarum Ab Inclinatio Romanorum Imperii Decades (Das Décadas de História desde o Declínio dos Romanos)*, de 1453. Desde lá, muitos autores têm se dedicado a analisar tal período, associando-o ao fim da chamada Antiguidade. O autor mais clássico que temos sobre o assunto é talvez Edward Gibbon, iluminista inglês que escreveu no final do século XVIII. Gibbon publicou, em seis volumes, a obra intitulada *A História do Declínio e Queda do Império Romano* (1781-1789). Mesmo que ao longo do tempo suas ideias sobre o que teria levado o Império Romano à “queda” tenham se tornado obsoletas, algo delas sobreviveu até hoje: a ideia de “queda”, que, no entanto, também recebe críticas e contestações.

Assim, no século XX, aos poucos, foram surgindo noções que contestavam o pensamento de que o Império Romano havia caído. Aparecem autores dizendo que houvera, na verdade, um processo de transformação. Temos, por exemplo, o arqueólogo alemão Alois Riegl, que cunhou o termo *Spatäntike* (Antiguidade Tardia), com o intuito de dizer que, na perspectiva de suas pesquisas, não havia acontecido uma ruptura brusca em algum momento da história de Roma, e sim uma lenta transformação da cultura material antiga para a medieval (FRIGHETTO, 2012, p. 20). Ainda que Riegl e Johannes Straub, filólogo que se utilizou de suas ideias para analisar as transformações linguísticas do final da Antiguidade, não tenham tido o intuito de dizer que não houvera, em amplo sentido, a “queda de Roma”, suas ideias foram apropriadas por historiadores do século XX, como Henri-Iréneé Marrou e Peter Brown, no sentido de contestar a noção de uma virada brusca da Antiguidade para a Idade Média. Este último, na atualidade, é o mais conhecido historiador que defende aquilo que se tornou o conceito de *Antiguidade Tardia*. Sua obra clássica se chama *The World of Late Antiquity* (1971), nela Brown segue os passos de Marc Bloch em sua obra também clássica sobre a sociedade feudal (*A sociedade feudal*), e elabora um panorama do que foi a Antiguidade Tardia, um período que já não era mais visto como uma época de transição entre a Antiguidade e a Idade

¹ Universidade Federal de Santa Maria.

Média, mas que, conforme havia defendido Marrou (1979, apud FRIGHETTO, 2012, p. 21), era um período em si, com características próprias e muito peculiares.

Tais ideias sobre o “fim” do Império Romano e sobre a Antiguidade Tardia influenciaram densamente a historiografia da segunda metade do século XX, sobretudo no que diz respeito à tendência de se ver o período não já mais somente pelo viés político, mas também através das lentes de outros fatores históricos, como cultura e religiosidade, que apontariam para transformações mais lentas em tal contexto, pensando em termos de permanência e encontros culturais.

Hoje temos ainda alguns historiadores que contestam a Antiguidade Tardia como sendo julgada de forma excessivamente otimista por parte da historiografia, entre tais historiadores críticos temos o britânico Bryan Ward-Perkins (*A queda de Roma e o fim da civilização*), que contesta a ênfase excessiva no predomínio das continuidades em tal época com relação ao período anterior. No entanto, no Brasil, pelo que temos visto, as ideias ligadas a uma lenta transformação parecem ter predominado.

Sobre tais estudos no Brasil, conforme o tardo-antiquista brasileiro Cláudio Umpierre Carlan (2016, p. 80-81), as pesquisas sobre a Antiguidade Tardia desenvolveram-se substancialmente a partir da década de 1990, tendo sido iniciadas com Maria Sonsoles Guerras, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1987. A partir das orientações dela e dos grupos que foram se organizando, formaram-se diversos historiadores brasileiros que atuam contemporaneamente estudando o período da Antiguidade e Idade Média, entre eles podemos citar: Regina Maria Bustamante, Marcus Cruz, Leila Rodrigues Sérgio Feldman, Renan Frighetto, Maria Luísa Corassin, Gilvan Ventura da Silva, Margarida Maria de Carvalho, Ana Teresa Marques Gonçalves, Carlos Augusto Ribeiro Machado, Daniel Vale Ribeiro, Júlio César Magalhães Oliveira e o próprio Cláudio Umpierre Carlan. Tais historiadores atualmente têm colaborado para um grande aumento dos estudos na área, orientando pesquisas em diversos níveis, da Iniciação científica ao Doutorado e aos estágios de pós-doutorado.

Carlan é um historiador especializado em História Antiga que atua como professor na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), seus estudos concentram-se na área da Antiguidade Tardia. Em 2016, Carlan, juntamente com outro historiador brasileiro, Pedro Paulo Abreu Funari, publica a obra intitulada *Antiguidade Tardia e o fim do Império Romano no Ocidente*.

Funari, por sua vez, é um renomado antiquista brasileiro que atua como professor na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-SP), em diversas áreas dos estudos da Antiguidade.

A obra resenhada tem como objetivo fornecer uma introdução para aqueles que desejam se debruçar sobre os estudos da Antiguidade Tardia, ou mesmo apenas entender melhor o período, possibilitando que seus leitores dominem um quadro conceitual e teórico que lhes permitirá se aprofundar no assunto. Ao longo do livro, os autores elaboram uma série de capítulos em forma de tópicos que trazem elementos importantes para os estudos e a compreensão do contexto da Antiguidade Tardia, o que permitirá ao leitor estar diante das mais significativas chaves explicativas dos processos históricos que se desenrolaram no contexto em questão. Tal feito se configura como algo bastante importante, uma vez que o período é apontado como ligado à “queda do Império Romano”, visto como a época de transição que levou a História da Antiguidade para a Idade Média, acontecimento para o qual se tem buscado as mais variadas explicações na sociedade do Império Romano desde muito tempo, sejam elas culturais, religiosas, econômicas, sociais, políticas, militares, etc.

Sabemos hoje que não podemos elencar um único fator como tendo sido responsável pelo “declínio” do Império Romano, e nem afirmar que tal quadro tenha se estendido para todo o Império em todas as regiões. Mas ainda se procura explicação para as transformações ocorridas na época nos diversos fenômenos históricos e situações políticas que rondavam o período, e Carlan e Funari nos apresentam alguns deles na obra em questão, com ênfase na questão econômica e na análise das fontes numismáticas.

O primeiro capítulo da obra tem como título *O que entendemos por Antiguidade Tardia*, e nele os autores discorrem sobre algumas das principais mudanças e fenômenos que ocorreram no período, se focando nas questões que hoje são bastante polêmicas, esclarecendo alguns dos processos pelos quais teriam passados os estudos e a historiografia da Antiguidade ao longo da Idade Contemporânea. Os autores mostram como os estudos tardo-antigos foram se formando e se desenhando ao longo desse tempo. São traçados também um resumido percurso historiográfico pelo qual teria passado os estudos e as considerações a respeito do período da Antiguidade Tardia.

Já o segundo capítulo, intitulado *Épocas da Antiguidade Tardia*, por sua vez, os autores mostram as divisões que hoje se faz dentro do período em questão, a partir de acontecimentos e transformações que se configuram como divisores de águas no período, elaborando também considerações sobre essas divisões e sobre os processos históricos que cada uma delas teve. Os autores dizem que um primeiro período no qual se divide a história da Antiguidade Tardia, é a

época entre o governo do imperador romano Marco Aurélio (161-180) até o governo do imperador Constantino (306-337). Estando o segundo período compreendendo como a época que vai do governo de Constantino até a constituição dos reinos romano-germânicos no Ocidente, no século V EC. Um terceiro período ainda se estenderia, conforme os autores, da formação dos reinos romano-germânicos até a expansão do Islã pelo Ocidente e pelo Oriente.

O terceiro capítulo da obra se chama *Outras perspectivas*, nele os autores mostram outras formas de explicação e outras correntes de pensamento atuais que debatem os acontecimentos da Antiguidade Tardia, discorrendo sobre outras formas de encaixar os acontecimentos e processos que foram levando o Império Romano e a Antiguidade a mudança para a chamada Idade Média.

No quarto capítulo, *Como conhecer a Antiguidade Tardia*, os autores falam sobre as considerações de Marc Bloch a respeito da disciplina histórica e como ela poderia ser aplicada para os estudos da Antiguidade Tardia, levando-se em consideração as metodologias elaboradas pela Escola dos *Annalles* e a forma inovadora que esta trouxe para se lidar com as fontes históricas.

O quinto capítulo tem como título *As sociedades humanas e suas interpretações*, nele é elaborado um quadro a respeito das principais interpretações atuais a respeito do funcionamento das sociedades humanas e algumas chaves explicativas. A partir disso, os autores elaboram considerações sobre essas interpretações para o período tardo-antigo.

No sexto capítulo, de título *As fontes*, os autores realizam considerações sobre a natureza e a disponibilidade das fontes que temos hoje para os estudos tardo-antigos, e, nessa sequência, o sétimo capítulo da obra, *O mundo romano na Antiguidade Tardia: acenos ao contexto histórico*, traça novamente, em outras perspectivas, alguns dos principais aspectos do contexto histórico tratado, como as questões político-militares que levaram a diversas divisões do Império ao longo do século IV EC.

Um oitavo capítulo, então, intitulado *O conflito entre pagãos e cristãos*, os autores traçam um quadro geral sobre as principais transformações religiosas que o período passou, o que se completa no nono capítulo, chamado *Constantino e o surgimento do Império Cristão*.

Na sequência, os autores trazem um décimo capítulo, discorrendo sobre as principais crises, reelaboraões e transformações ocorridas no exército romano no período, tal capítulo tem como título *O exército e a questão militar*.

Ainda há um décimo primeiro capítulo, no qual os autores falam sobre as relações entre romanos e os impérios asiáticos, sobretudo os persas, que tem como título *A rivalidade Romano-Sassânida*, ideias que são completadas por um décimo segundo capítulo chamado

Roma e suas legiões, no qual os autores falam sobre as interações e associações feitas entre o exército romano e os povos estrangeiros contra os quais se lutava.

No décimo terceiro capítulo, intitulado *As Moedas e os Aspectos Econômicos*, os autores falam sobre aspectos socioeconômicos que se fizeram presentes na época e que são utilizados como fatores-chaves para explicações economicistas sobre o fim do poder de Roma sobre o Mar Mediterrâneo, completando essas ideias no décimo quarto capítulo, *As reformas econômicas*.

Por fim, o décimo quinto e último capítulo tem como título *O estudo da Antiguidade Tardia no Brasil*, nele os autores elaboram os principais aspectos relativos à expansão desses estudos em nosso país.

Ao fim, eles concluem que em cada região do mundo onde a Antiguidade Tardia é estudada, tende-se a enfatizar fatores históricos que nessa região, na atualidade, tendem a se mostrar como importantes.

Os autores ainda nos fornecem uma relevante lista de bibliografias importantíssimas para qualquer um que queira se debruçar sobre os estudos da Antiguidade Tardia, o que torna essa obra essencial para os estudiosos da Antiguidade, mas também, por sua linguagem acessível e bem elaborada, a todos interessados em compreender esse contexto e as polêmicas em torno de um dos temas mais estudados pela historiografia de todos os tempos.

Referências

CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A. *Antiguidade Tardia e o fim do Império Romano no Ocidente*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

FRIGHETO, R. *A Antiguidade Tardia: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações*. Curitiba: Juruá, 2012.

SARTIN, G. H. S. S. O surgimento do conceito de “Antiguidade Tardia” e a encruzilhada da historiografia atual, *Brathair*, volume 9, nº. 2, 2009, p. 15-40.

WARD-PERKINS, B. *A queda de Roma e o fim da civilização*. Lisboa: Alethéia, 2006, p. 9-22, 83-90.

Recebido em dezembro de 2017.

Aprovado em julho de 2018.